VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

REIS, Cecile Oliveira[1]; FRANCISCO, Daniela Aparecida Stacciarini[1]; SILVA, Evelin Sousa da[1]; FREITAS, Heloisa Mogentale de[1]; LIRA, Mariana Pinheiro[1];

[1] Graduação, Psicologia, Centro Universitário Fundação Santo André,

[2]Professor Mestre OLIVEIRA, Celso Ramos de[2]; Centro Universitário Fundação Santo André, celso.oliveira@fsa.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo elaborar e desenvolver um artigo científico acerca da violência sofrida por pessoas que apresentam diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), comumente denominado apenas como autismo,

difundindo informações acerca do assunto, visto que, pouco se fala sobre o tema na atualidade. Foi feito levantamento de informações partindo de documentos pertinentes para o tema e realizado entrevista com a população em geral por meio de um questionário online.
Palavras-chave: Informações. Autismo. Artigo Científico.

INTRODUÇÃO

A violência contra pessoas com diagnóstico de autismo é um tema preocupante e atual na sociedade. O autismo é um transtorno do desenvolvimento que afeta a comunicação, interação social e comportamento, e muitas vezes as pessoas com autismo são alvo de preconceito e discriminação. Infelizmente, essa discriminação pode se manifestar em formas de violência, incluindo abuso físico, verbal e psicológico. Essa violência pode ter efeitos graves na saúde mental e bem-estar das pessoas com TEA, bem como naqueles que cuidam delas. Portanto, é importante entender melhor a natureza e as causas da violência contra pessoas com autismo, a fim de desenvolver estratégias eficazes para preveni-la e tratá-la. Este trabalho tem como objetivo examinar a violência contra pessoas com autismo, suas consequências e fatores de risco envolvidos, bem como explorar intervenções eficazes para prevenir e tratar a violência. Nesse caso, o tratamento das consequências das violências contra essas pessoas é feito a partir da terapia com cavalos, também conhecida como Equoterapia, que tem sido usada como uma forma de terapia complementar para crianças autistas. Além de que há várias pesquisas sugerem que o contato com cavalos pode ajudar as crianças autistas a desenvolver habilidades sociais, cognitivas e motoras, sendo também um local que contribui para a redução do estresse, da ansiedade e da confusão e crises mentais. As atividades abordadas na Equoterapia ajudam em desenvolver habilidades motoras e equilíbrio, sendo também usados esses mesmos conhecimentos no cotidiano, e com a continua terapia é possível desenvolver um maior entendimento do mundo e se si mesmo, tendo assim até um amadurecimento dessa criança.

OBJETIVOS

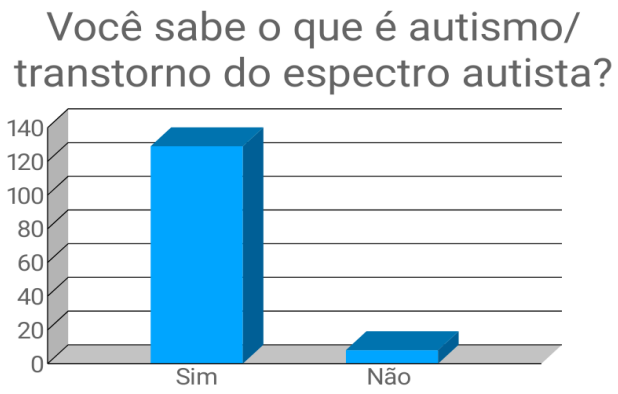
Desenvolver um artigo científico baseando-se no propósito de divulgar informações sobre o Transtorno do Espectro Autista e entender as dificuldades enfrentadas pelas pessoas que convivem com este diagnóstico.

MATERIAL E MÉTODOS

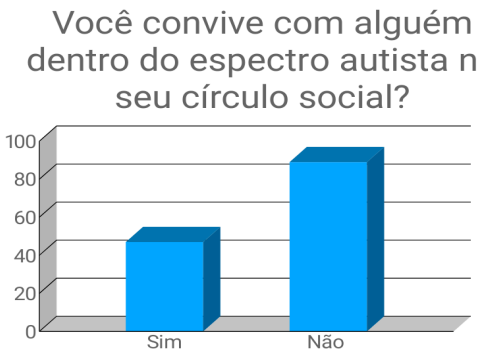
Foram coletadas informações por meio de artigos e documentos relevantes, bem como por meio de um questionário online com 5 perguntas objetivas de múltipla escolha usando a plataforma Google Forms. O questionário foi disponibilizado para os participantes por meio das mídias sociais, obtendo um total de 137 respostas. Os colaboradores não foram identificados em nenhum momento. Além disso, visitamos a clínica de equoterapia Coração Valente para entender melhor o tratamento e as dificuldades enfrentadas diariamente por aqueles que vivenciam o TEA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

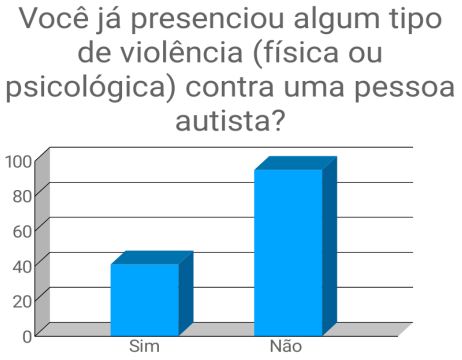
Durante a discussão, foi realizado um levantamento de informações com o objetivo de compreender a visão do público em geral sobre o tema em questão. Essa análise foi conduzida por meio de um formulário rápido de perguntas diretas de múltipla escolha dentro da plataforma Google Forms.



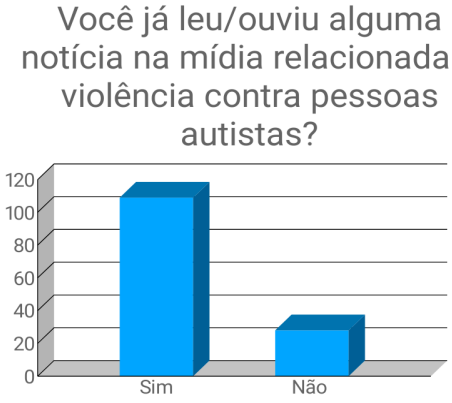
Segundo os dados coletados, 94,2% (129 pessoas) dos entrevistados sabem o que é o autismo, mostrando que mais pessoas que o esperado conhece o transtorno popularmente.



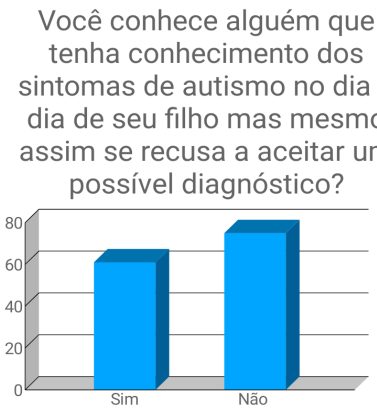
Segundo demonstrado no gráfico, 65,2% (89 pessoas) não convivem com nenhuma pessoa autista em meio ao seu círculo social pessoal.



Dos entrevistados, 30,1% (41 pessoas) relatam ter estado presentes diante alguma ação de violência física ou psicológica cometida contra uma pessoa dentro do espectro autista.



Como demonstrado, 79,6% (109 pessoas) daqueles que foram questionados relataram já ter lido/ouvido alguma notícia dentro dos canais de comunicação relacionada a violência contra pessoas autistas.



Por fim, os dados mostram que 44,9% (61 pessoas) conhecem um responsável por um indivíduo autista que tem conhecimento dos sintomas presentes no cotidiano do seu filho, mas nega um diagnóstico do possível transtorno.

Foi realizada uma entrevista pela plataforma Google Meet com a psicóloga Ângela do Centro de Equoterapia, Coração Valente com o objetivo de entender o seu trabalho com crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista e como é feita a terapia com cavalos, além de obter informações acerca da violência sofrida pelos pacientes. Ângela começa explicando quando começou a trabalhar com pessoas diagnosticadas com TEA, em 2012, logo após se formar na faculdade. Durante todo esse tempo, ela não atendeu nenhum adulto, apenas crianças e adolescentes. Quando questionada se já presenciou algum tipo de violência contra crianças autistas, ela diz: “Os relatos que as famílias trazem são frequentes. Muitas vezes, essa violência que a gente fala, está muito atrelada a falta de conhecimento do público em geral do que é um quadro de TEA (...) o público com TEA é complicado, porque não é uma coisa que você bate o olho e identifica, então para a maioria das pessoas, no transporte público ou em serviços em geral, quando uma criança com TEA se desorganiza, na visão das pessoas é birra. É uma violência quando eu falo “isso é falta de palmada” ou “eu só não vou lá e bato porque não é meu filho, porque se fosse meu filho, eu bateria”. Por conta da violência sofrida, a criança pode se desorganizar mais facilmente, assim como as pessoas que estão acompanhando o paciente, o que pode dificultar o tratamento na Equoterapia. Um dos pontos trazidos pela psicóloga, foi como funciona a interação entre os pacientes e os cavalos: “Então assim, se chega um praticante que está agitado e desorganizado, para muitos, quando andam a cavalo, o andar a cavalo proporciona

um relaxamento, com aquele movimento que ele recebe no dorso do cavalo, acaba trazendo uma reorganização para ele, nos sentidos, então isso na Equoterapia é muito bacana.” Uma outra atividade que promove o relaxamento dos pacientes é a alimentação dos cavalos, já que, de acordo com a ngela, assim como qualquer som ritmado, o barulho contínuo da mastigação faz com que o cérebro diminua a atividade, o que contribui para que a criança se reorganize.

Diante dessas informações obtidas através da entrevista foi possível perceber como a falta de conhecimento sobre o que é o Transtorno do Espectro Autista contribui para que as pessoas propaguem violência, seja ela na sua forma física, verbal ou psicológica, sendo assim, é preciso que debates com esse tema aconteçam de forma recorrente, para que diminua a estigmatização e o preconceito com pessoas diagnosticadas com TEA. O livro "Linguagem e autismo” organizado por Luiz Henrique Magnani (rapaz diagnosticado com TEA) e Gustavo Henrique Ruckert, gira em torno de uma mudança no entendimento do que é autismo, com critérios diagnósticos mais apurados na capacidade de articulação das pessoas com TEA. Nesse espectro muitos indivíduos têm déficits de linguagem, as quais variam: ausência total da fala, atraso na linguagem, incapacidade de compreender linguagem figurada, ausência de coerência central, dificuldade de compreensão contextual, entre outros. Dando foco ao capítulo 2 do livro onde os autores falam exatamente do tema que estamos abordando, “Violência contra autistas”. É relatado diversos casos de mães que mataram seus próprios filhos como forma de “acabar com o sofrimento” ou pela agressividade que o indivíduo apresentava. A violência contra essas pessoas é resultado principalmente da expectativa social de como as crianças devem crescer e se desenvolver, quando somado a sensação de ser estranho e precisar parecer “normal”. O livro tem como maior objetivo a tentativa de desmistificar o autismo como um todo, trazendo a nós inúmeras informações sobre linguagem e como os autistas sofrem com atos cruéis em nome da “misericórdia”. Finalizo com uma frase citada pelos escritores da obra:

> Nós dizemos “autistar” porque para nós a expressão do nosso autismo é uma ação ativa de resistência e resiliência. É um desafio viver num mundo que constantemente nos descrimina e é um ato de rebeldia quando nos levantamos e dizemos que é nosso direito sermos quem somos e que ninguém pode nos cobrar

> nada diferente disso, como pré-requisito para nossa inclusão. (Santana, Fernanda 2019).

Lamentavelmente, a situação das pessoas com autismo é bastante delicada, visto que elas correm um risco ainda maior quando se trata da violência, seja ela física, sexual ou psicológica, incluindo também a possibilidade de negligência e abandono por parte de seus pares neuro típicos. Essa realidade pode ser devida a diversos fatores, incluindo a falta de conhecimento e treinamento qualificado entre os profissionais da saúde para com as vítimas de violência diagnosticadas com TEA, somado à perpetuação dos estigmas em torno do autismo na nossa sociedade e a dificuldade de comunicação que esses indivíduos podem apresentar. Diante desse cenário, é bastante comum que as crianças e os adultos com TEA se tornem vítimas de agressores, que muitas vezes cometem esses atos em razão das diferenças de comportamento, comunicação e interação social das pessoas diagnosticadas. Como resultado, esses indivíduos se tornam alvo de abusos físicos, verbais e emocionais que podem causar consequências graves e permanentes em sua autoestima e saúde mental. Dessa forma, é importante destacar a relevância do conhecimento técnico e multidisciplinar em relação às necessidades específicas das pessoas com autismo, além da constante atualização e sensibilização da sociedade em torno dessas questões. Por fim, é fundamental que uma rede de apoio seja estabelecida, capaz de envolver todos os atores que cercam a vida daqueles com TEA, para que juntos possam trabalhar pela defesa dos direitos e bem-estar de todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível verificar que a violência sofrida por pessoas dentro do espectro autista, está relacionada a falta de conhecimento das pessoas e da estigmatização com os neuro divergentes. Através da entrevista com a psicóloga do Centro de Equoterapia Coração Valente, foi discutido que as consequências em decorrência da violência sofrida podem contribuir para a desorganização do paciente com TEA, além de atrapalhar o tratamento. Dessa forma, o artigo desenvolvido visa trazer ao conhecimento das pessoas o que é o Transtorno do Espectro Autista e elucidar a importância de acolher os que convivem com este diagnóstico.

REFERÊNCIAS

LEITÃO, Alex et al. Linguagem e Autismo: Conversas transdisciplinares. Bahia: Bordô-Grena. 2021. 139 p.

MARCOLINO, Luíza Carolina Moreira et al. Reflexões sobre a violência relacionada às pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Braz. J. Hea. Ver., Curitiba.